

Hospital Geral da Machava

Tuberculosos convivem com gente sã

...falta de controlo de circulação dos doentes apoquento vizinhança

Por Irene Jamisse

Enquanto não se repõem condições para o isolamento, controlo e educação de doentes de tuberculose internados no Hospital Geral da Machava na província do Maputo, os residentes nos arredores daquela unidade sanitária vão conhecendo momentos constrangedores, porquanto, os enfermos vão "gratuitamente" espalhando a doença, assustadoramente temida na sociedade. O SAVANA soube que os doentes estravagueiam deliberadamente na zona chegando mesmo a "conviver" junto de gente sã, nas barracas e em casas onde se vendem bebidas de fabrico caseiro, ante o olhar cúmplice de quem de direito.

Como tantos outros males, que no nosso país ganham terreno, este fenómeno que é perigosamente maléfico para a sociedade, regista-se há bastantes anos segundo revelaram e confirmaram alguns residentes abordados pelo nosso jornal.

Entretanto a Saúde, que tanto tem estado a implorar à população para evitar a propagação de doenças, ensinando-a através de panfletos e diversas outras formas de evitar o "boom" de enfermidades, encara o fenómeno da Machava com a maior naturalidade ao ponto de até ao presente momento não ter criado quaisquer condições por forma a dar ponto final a esta prática, considerando que se trata de uma doença contagiosa.

Ao longo dos últimos tempos, já sem um mínimo de controlo, os doentes de tuberculose que, como se tem dito são maldosos, abandonam frequentemente as instalações do hospital onde se encontram internados para, junto de pessoas sãs convivem como e quanto puderem.

O SAVANA esteve no terreno, onde conversou com alguns frequentadores das barracas instaladas de frente do hospital que, lá se encontravam, num "bate-papo" barulhento no meio daquela troca de copos sem contido, prestarem muita atenção ao problema colocado pela Reportagem deste semanário.

Muito abstraídos os nossos entrevistados disseram que "os doentes saem e partilham os copos connosco. Muitas vezes não nos tem sido fácil identificá-los e mesmo se o fizéssemos talvez não ganhássemos coragem de os repelir do grupo."

Coincidentemente, no momento da conversa, dava entrada um homem adulto. Seguiu-se um silêncio, já mais ninguém queria dar a sua palavra. Tinha entrado um doente saído do hospital. Na

ocasião apenas queria comprar cigarros e regressar. "Este é um deles", cochichou um dos clientes, que a julgar pelo comportamento, é bastante assíduo, deixando assim perceber que apesar do álcool ainda estava consciente. A Reportagem do SAVANA conversou com o indivíduo que aceitou falar na condição de anonimato. Não negou que tem feito saídas ilegais, mas não para beber qualquer álcool, porque o médico o proíbe redondamente.

Outro vendedor de um "take away" instalado nas imediações do Hospital Geral da Machava, igualmente abordado por este semanário afirmou em tom responsável que "cabe à direcção do hospital impôr ordens dentro da unidade que dirige. Quanto aos guardas, reconhece-se que poderão não saber distinguir o doente do visitante, tendo em conta que os enfermos normalmente andam trajados de sua própria roupa."

Maria Matola, uma idosa residente nas redondezas daquela unidade sanitária há mais de trinta anos, disse depois de interpelada por este jornal que em tempos muito recuados não se permitia a um doente, fazer deslocações para fora do hospital e havia sido implementado um sistema de controlo muito rigoroso. Começou por apontar o cerco da unidade sanitária que paulatinamente se foi destruído. "Havia aqui um arame farpado que impedia a circulação dos doentes para além do hospital mas, com a destruição começou a verificar-se o "entra sai" no centro hospitalar. "É, de facto, uma situação constrangedora porque tarde ou cedo todos os residentes dos arredores poderão contrair a doença."

Recordou-se ainda de um mercado oficial, outrora instalado nas imediações, o qual teve que ser desmantelado de modo a se evitar a propagação da enfermidade. Porém, hoje a

realidade é totalmente diferente. Mesmo no portão daquela unidade sanitária, um grupo de mulheres vendedoras instalou mesmo um mercado paralelo, não se sabe se por desconhecimento do perigo que isso poderá trazer futuramente ou se movidos por uma aguda necessidade de sobreviver.

Uma das vendedoras que se identificou pelo único nome de Alice, quando abordada a propósito do perigo que a sua estada naquele lugar poderia constituir, disse estar consciente disso mas que o local proporciona-lhe melhor negócio, o que tem estado a ditar a sua permanência.

Defendeu-se afirmando que todo o necessitado procura uma tábua de salvação em qualquer esquina. Outra companheira de esquina esclareceu que, cabe às autoridades sanitárias tomar as devidas medidas mas entretanto, enquanto isso não acontecer vão ali ganhando o seu pão.

Direcção do Hospital reconhece mas assiste

Dr. António Palange, director do Hospital Geral da Machava, reconheceu a falta de controlo que se tem notado naquela unidade sanitária, mas justificou tal situação como sendo resultado da escassez de meios materiais que permitam impor a ordem. Apontou, por exemplo, a falta de fardamento hospitalar, factor que tem estado a dificultar o trabalho dos guardas pois estes não conseguem distinguir os doentes dos visitantes.

"Nem todos os doentes internados no hospital possuem uniforme, pelo que tem sido, um tanto ou quanto difícil os guardas separarem "o trigo do joio" se bem que em muitos casos os internados saem acompanhados de visitantes por forma a passarem despercebidos."

Garantiu que o hospital possui a sua regra de jogo quanto à movimentação dos

doentes mas isso não está a ser cumprido na letra devido à falta de meios.

Em relação às implicações da "convivência" entre os doentes e gente sã, aquele profissional da Saúde explicou que não existe nenhum perigo, quando isso acontece depois de oito dias de tratamento, "sem com isso querer dizer que está permitida a circulação dos doentes ainda em tratamento, para fora das nossas instalações."

Admitiu, entretanto, que a saída ilegal dos internados constitui um dos principais problemas para o elenco directivo, e este está

consciente da rápida propagação da doença que se poderá viver na zona circunvizinha e não só, mas a falta de meios materiais impossibilita a tomada de quaisquer medidas correctivas.

Fraca educação de tuberculosos

Ainda em conversa com o SAVANA, Palange deu a conhecer que no nosso país assiste-se a uma fraca educação dos tuberculosos naquilo que deverá ser o seu comportamento perante outras pessoas. Esta dificuldade tem permitido a que os enfermos tenham

procedimentos medíocres chegando mesmo a criar condições para, propositalmente contaminarem indivíduos sãos.

Falando sobre o índice de tuberculose na cidade capital, Palange deu a conhecer que existe um elevado número de tuberculosos nesta urbe. "Aqui no nosso hospital recebemos anualmente centenas de doentes".

Sublinhou que, a propagação da tuberculose no nosso país deve-se fundamentalmente ao não cumprimento do tratamento hospitalar o que origina as recaídas que são bastante perigosas.

A interrupção do tratamento permite que os bacilos, depois de um tempo, ganhem uma resistência até certo ponto perigosa e quando assim acontece o tratamento torna-se ainda mais difícil e pode levar à morte. Não nos forneceu dados numéricos mas fez saber que as recaídas constituem a principal causa das mortes que se registam em todo o país.

De acordo com informações colhidas junto do nosso interlocutor, a tuberculose é uma doença que tem cura total, mas para isso é necessário que o doente encontre um tratamento adequado ainda nas primeiras manifestações. ■



Vista frontal do Hospital Geral da Machava